UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

ÁGUAS CALMAS, ÁGUAS REVOLTAS: A FIGURA MATERNA EM *MESMO RIO*, DE ELISAMA SANTOS

Nice dos Santos Frid

Rio de Janeiro
2025

NICE DOS SANTOS FRID

ÁGUAS CALMAS, ÁGUAS REVOLTAS: A FIGURA MATERNA EM *MESMO RIO*, DE ELISAMA SANTOS

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação de Português-Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Renan Ji

RIO DE JANEIRO
2025

CIP - Catalogação na Publicação

F898?

Frid, Nice dos Santos
Águas calmas, águas revoltas: a figura materna em "Mesmo rio", de Elisama Santos / Nice dos Santos Frid. -- Rio de Janeiro, 2025.
37 f.

Orientador: Renan Ji.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em Letras: Português - Literaturas, 2025.

1. literatura brasileira. 2. maternidade. 3. Elisama Santos. 4. mito do amor materno. I. Ji, Renan, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

NICE DOS SANTOS FRID

DRE: 120032230

ÁGUAS CALMAS, ÁGUAS REVOLTAS:
A FIGURA MATERNA EM *MESMO RIO*,
DE ELISAMA SANTOS

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/ Literaturas.

Data de avaliação: 02/12/2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Renan Ji – UFRJ NOTA: 9,0
Orientador

Profa. Dra. Anélia Montechiari Pietrani – UFRJ NOTA: 10
Leitora Crítica

MÉDIA:9,5

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha família por sempre incentivar a minha paixão por Literatura desde que me entendo por gente. Obrigada por me apoiarem sempre.

À Faculdade de Letras, por inúmeras oportunidades que me ofereceu enquanto estudante da graduação e à oportunidade de aprender com os melhores professores sobre o que mais amo: a Literatura.

Às amizades que fiz ao longo do caminho, desde aquelas da primeira semana de integração em março de 2020 até as que tive a alegria de conhecer nos momentos finais da graduação. Obrigada pelas conversas nos corredores, pelos almoços e pelos cafés no "Starbucks" da Letras e na Cátedra Jorge de Sena. Sem vocês esses anos teriam sido muito mais solitários e nada disso teria sido possível, isso afirmo com toda a certeza.

Ao Arthur, com quem tenho a felicidade e o prazer de compartilhar não só debates literários e filosóficos, mas a vida. Ter a certeza de que você está do meu lado, me ouve e compreende as minhas reflexões e meus dilemas torna tudo mais leve. Você me entende como ninguém, sorte a minha de ter te encontrado.

RESUMO

Esta monografia analisa o romance *Mesmo rio* (2022), da escritora brasileira Elisama Santos, investigando a maneira como a narrativa retrata o amor materno, através da personagem Maria Lúcia e de seus três filhos, Lucas, Marília e Rita, com os desdobramentos da criação materna na vida de cada um dos filhos. O trabalho fundamenta-se principalmente no livro *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, de Elisabeth Badinter (1985), que discorre sobre o fato de que o papel materno é construído socialmente e, portanto, não é um destino ou papel sagrado do feminino, além de outros teóricos que abordaram a temática. Assim, é possível constatar em romances contemporâneos, como Elisama Santos, a quebra na imagem ideal de maternidade, observando representações complexas de mães que erram e que geram impactos na vida dos filhos por suas falhas humanas.

Palavras-chave: literatura brasileira; maternidade; Elisama Santos; mito do amor materno.

“[...] uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para a frente.”

Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres, Clarice Lispector.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 09
1. O MITO DO AMOR MATERNO..... 10
2. NASCENTE..... 16
    2.1 Os pais..... 17
    2.2 Os filhos 18
3. O PERCURSO..... 21
    3.1 Rita..... 21
    3.2 Marília..... 24
    3.3 Lucas..... 26
4. DESAGUAR..... 29
CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 37

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar a narrativa do romance *Mesmo rio*, de Elisama Santos, com ênfase na representação da figura materna e na dimensão da sua influência na dinâmica familiar. A análise busca estabelecer uma comparação entre a imagem idealizada socialmente da figura da mãe e a forma como esse papel é retratado na obra, evidenciando a visão contemporânea acerca da maternidade. O romance se insere em um contexto literário marcado pelo crescente debate em torno das expectativas sobre a mulher na sociedade atual, intensificado pela democratização de vozes e perspectivas proporcionada pelas redes sociais. Além disso, a análise também apresenta a influência que a figura materna, que se transmuta de acordo com cada fase de vida da mãe, inevitavelmente exerce sobre a relação entre os irmãos.

O primeiro capítulo deste trabalho é elaborado através de uma breve contextualização histórico-social do papel materno no âmbito familiar, tomando como principal referência a obra *Um amor conquistado: o mito do amor materno* (1985), de Elisabeth Badinter, partindo da análise de duas das figuras maternas mais célebres da literatura: Eva e Virgem Maria. Inspirando-se na metáfora do rio presente no título do romance, os capítulos de desenvolvimento são intitulados “Nascente”, “Percurso” e “Desaguar”. Dessa maneira, o segundo capítulo, intitulado “Nascente”, traz as origens familiares dos pais, Maria Lúcia e Benedito, e acompanha o início da formação da família que se desenvolverá ao longo da narrativa. Na sequência, o capítulo “Percurso” se debruça sobre a criação de cada filho, explorando as nuances das relações entre a mãe e os filhos, além dos seus desdobramentos na vida de cada um deles. Por fim, o capítulo “Desaguar” revela, enfim, os conflitos e tensões que emergem nas relações dos filhos com a mãe, encerrando o percurso familiar delineado ao longo do romance.

Na conclusão deste trabalho, buscaremos elucidar a relação entre as ideias defendidas por Badinter e por outros teóricos que dialogam com a temática acerca da maternidade, apresentadas no primeiro capítulo, e a representação da figura materna no romance. Com isso, conclui-se que a figura materna possui muitas camadas e profunda complexidade, não sendo reduzida apenas à idealização disseminada ao longo dos séculos.

1. O MITO DO AMOR MATERNO

Ao longo da história e, por consequência, da literatura, a figura materna sempre se apresentou em constante debate, visto que essa figura foi, e ainda é, idealizada. Antes de pensar na maternidade e na figura da mulher, que perceberemos intrinsecamente entrelaçadas, faz-se necessário pensar no conceito de família e como este conceito foi socialmente construído ao longo do tempo para atender às necessidades de determinados grupos sociais em certos períodos da história.

Tomaremos como base teórica a obra *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, na qual Elisabeth Badinter apresenta uma análise histórico-social sobre a condição da figura da mãe ao longo de séculos e como tal condição foi se adaptando conforme o período histórico e considerando a manutenção da supremacia masculina.

Uma das constatações Badinter é a de que, mesmo que a palavra de Cristo sobre o amor ao próximo tenha sido propagada e que "marido e mulher eram iguais e partilhavam dos mesmos direitos e deveres em relação aos filhos" (BADINTER, 1985, p. 30), a teologia cristã reforçou, ao longo de séculos, como o papel social da mulher era atrelado à figura do homem, já que tinha sido criada a partir da sua costela. Eva, a primeira mulher, foi propagada como a grande responsável por introduzir o pecado no mundo, mesmo que Adão tenha comido do fruto proibido com ela. O castigo dado por Deus foi "[...] Multiplicarei grandemente o seu sofrimento na gravidez; com sofrimento você dará à luz filhos. Seu desejo será para o seu marido, e ele a dominará" (Bíblia Sagrada Online, Gên. 3, 16), castigo esse relacionado à vontade e à necessidade divinas de povoar a Terra, configurando o papel primordial da mulher na criação.

Em contrapartida, reforçou-se socialmente a imagem de Virgem Maria como a da mulher ideal, cuja fé era tanta que Deus a escolheu para conceber o seu Filho, sem relações sexuais, através do Espírito Santo e tomando a responsabilidade de cuidar do Filho tão esperado por seu povo.

> A maternidade torna-se um papel gratificante pois está agora impregnado de ideal. O modo como se fala dessa "nobre função", com um vocabulário tomado à religião (evoca-se frequentemente a "vocação" ou o "sacrifício" materno) indica que um novo aspecto místico é associado ao papel materno. A mãe é agora usualmente comparada a uma santa e se criará o hábito de pensar que toda boa mãe é uma "santa mulher". A padroeira natural dessa nova mãe é a Virgem Maria, cuja vida inteira testemunha seu devotamento ao filho (BADINTER, 1985, p. 223).

Portanto, a partir da teologia cristã, a família tem um sentido santificado, sagrado e muito valorizado pela sociedade, e vê-se também como a mulher tem seu papel de

importância atrelado primordialmente à sua capacidade de gestar uma vida.

É interessante notar que nem sempre esse simbolismo cristão teve uma tradução clara nas práticas sociais e familiares. O que se tem registrado ao longo da Idade Média até o início da Modernidade é a existência de casamentos sem vínculos amorosos, por mero contrato social.

> As estatísticas que apresenta provam a secura afetiva que reinava então nas relações conjugais. Naquela época, contavam-se, segundo as regiões, entre 45,3% e 90% de novos casamentos de viúvos antes de decorrido um ano de viuvez. Se comparamos esses percentuais com o relativo a 1950, ou seja, 15% de novos casamentos nas mesmas condições, temos a medida da transformação radical das mentalidades e das atitudes para com a vida conjugal (BADINTER, 1985, p. 50).

A partir disso, Badinter desenvolve a ideia de que essa ausência de vínculo amoroso se estende à relação com os filhos. O pensamento agostiniano que circulava na sociedade daquela época, na verdade, preconizava a criança como "símbolo da força do mal" (BADINTER, 1985, p. 55) e defendia a ideia de que a infância é uma primeira luta a ser superada, justificando, assim, essa falta de vínculo e até mesmo a violência aplicada contra as crianças. Esse pensamento perdurou por vários séculos, superando o escopo teológico e se desenvolvendo na pedagogia, através do uso de palmatórias e outros castigos. Além disso, outros filósofos desenvolveram essa mesma ideia a respeito da criança sob outras perspectivas – enquanto para Santo Agostinho a criança era a ocasião do pecado, para Descartes era a ocasião do erro, pois ela, sem pensamento crítico desenvolvido, teria as impressões do mundo baseadas nas impressões pelo corpo (BADINTER, 1985, p. 61). Com isso, era natural que as crianças mais abastadas permanecessem distantes de seus pais, recebendo cuidado das amas e retornando à casa dos pais apenas na idade adulta, isso apenas caso sobrevivessem ao tratamento e criação que lhes eram oferecidos.

Então, se essas convicções sobre a infância perduraram tanto tempo na sociedade, em que momento se deu a mudança desse pensamento? Segundo Badinter, por volta dos anos 1760-1770, houve um aumento de ideias e obras circulando que suscitaram uma nova relação entre pais e filhos e, mais enfaticamente, a ideia do amor materno como base para a formação da família.

> Após 1760, inúmeras publicações passaram a exaltar o "amor materno" como um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e à sociedade, incentivando a mulher a assumir diretamente os cuidados com a prole. Dessa forma, em defesa da criança dois diferentes discursos confluíram para modificar a atitude da mulher perante os filhos: (1) um discurso econômico, apoiado em estudos demográficos, que demonstrava a importância do numerário populacional para um país e alertava quanto aos perigos (e prejuízos) decorrentes de um suposto declínio populacional em toda a Europa e (2) uma nova filosofia – o liberalismo – que se aliava ao discurso econômico, favorecendo ideais de liberdade, igualdade e

> felicidade individual (BADINTER, 1985 apud MOURA e ARAÚJO, 2004, p. 46).

Portanto, se antes uma família era constituída por um casal, unido através de um contrato social sem a exigência de laços afetivos, a partir desse momento a nova ordem social considera a felicidade conjugal como essencial para a constituição dessa família, favorecendo a difusão dessa nova ideologia, fruto do surgimento de um novo modelo econômico. Não se admitia mais um número tão grande de crianças vindo a óbito, seja pela falta de saneamento básico, higiene ou atenção familiar, já que mão de obra era necessária para o desenvolvimento da nova ordem econômica. Nesse contexto, a publicação da obra *Émile*, de Rousseau, em 1762, deu um renovado vigor aos ideais familiares cristãos, tornando-se uma obra de referência à qual vários pensadores se voltam para defender o formato familiar tradicional de pai, mãe e filhos. A questão é que esse formato familiar naturaliza que a mulher seja a base, justificando-se, principalmente, pelo fato de que em seu corpo é possível gerar uma criança. A mulher, então, é submetida à dominação do homem, aos afazeres domésticos e ao cuidado dos filhos com base nessa justificativa.

Com a ascensão da classe burguesa, desenvolve-se uma valorização dos espaços privados e, por prezarem pela privacidade e por desconfiarem da "influência negativa" de serviçais no cuidado de seus filhos (MOURA e ARAÚJO, 2004, p. 47), o cuidado e a educação das crianças tornam-se de total responsabilidade dos pais, com os filhos vivendo sob controle e vigilância maiores do que antes. Desse modo, vemos como a "devoção e presença vigilantes da mãe surgem como valores essenciais, sem os quais os cuidados necessários à preservação da criança não poderiam mais se dar" e, portanto, a figura da mulher-mãe é valorizada enquanto "rainha do lar", restrita a esse ambiente doméstico (MOURA e ARAÚJO, 2004, p. 47).

Tendo em vista a Bíblia como um grande texto literário, é interessante especular como a literatura pode, enquanto discurso social, refletir e incentivar a construção dessa articulação entre ideal de família e de maternidade. Se grande parte das obras literárias é de autoria masculina, quando o contexto familiar é abordado por esses autores há a possibilidade de a literatura reproduzir e reforçar esses valores consagrados: o ideal de família tradicional e o papel de submissão da mulher enquanto mantenedora do homem, do lar e das crianças. Um exemplo emblemático é o fato de, por mais de dois séculos, algumas das ideias de Rousseau, difundidas no seu livro *Émile*, ainda se mostrarem presentes e defendidas por vertentes políticas atuais, que atualizam de forma deturpada certos clichês cristãos ou rousseaunianos ao defenderem a família tradicional, a inocência das crianças diante da "ideologia de gênero"

e a mulher bela, recatada e do lar como pilares da sociedade brasileira.

Já em um contexto contemporâneo, Regina Delcastagnè em sua pesquisa "A personagem do romance brasileiro contemporâneo" (2005), ao propor uma análise sobre o perfil de autores e personagens da literatura brasileira, expõe que, exatamente 20 anos atrás, dos 130 romances publicados e organizados para o Prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira, menos de 25% eram de autoria feminina. Além disso, em outra pesquisa de Delcastagnè, "Ausências e estereótipos no romance brasileiro das últimas décadas: alterações e continuidades" (2021), é constatado que entre 1990 e 2014, dentre as obras de autoria masculina, 32,1% apresentavam personagens femininas e apenas 13,8% dessas personagens eram protagonistas na narrativa (DALCASTAGNÈ, 2021, p. 124). Com isso, é possível notar que a quantidade de autoras femininas era ínfima se comparada com a de autores masculinos e, além disso, os autores masculinos não aparentavam ter interesse em representações femininas em suas obras, ou sequer notavam a falta delas.

Além dos dados expostos pelo estudo de Dalcastagnè, Lúcia Zolin (2021), em seu artigo "Elas escrevem sobre o quê?: Temáticas do romance brasileiro contemporâneo de autoria feminina", realizou uma pesquisa a fim de trazer um panorama geral sobre quais seriam as principais temáticas dos livros de autoria feminina. Depois de examinados 151 romances escritos por mulheres, publicados pelas principais editoras brasileiras, Rocco, Record e Companhia das Letras, conclui-se que as temáticas mais abordadas foram as que dizem respeito à família e aos amores:

> O dado dissonante nos romances aqui examinados é a de que embates no entorno da família e dos amores, presentes em quase 40% deles, possibilitam, com muita frequência, a revisão e a atualização de estruturas de pensamento e de comportamento derivadas de ideologias opressoras, como a patriarcal, berço das hierarquias de gênero. (ZOLIN, 2021, p.15)

A partir desses dados, é inevitável não associar essa conservação da idealização da figura da mulher e da maternidade ao fato de que, por muito tempo, a invisibilidade da mulher permeava o meio editorial e literário.

Nos últimos dez anos, tem sido percebido um movimento literário intenso no qual se tem buscado muito mais livros de autoria feminina que abrangessem narrativas diversas e com mais consciência de classe, gênero, raça etc. Com isso, a literatura contemporânea e os leitores contemporâneos têm voltado seus olhares para as relações femininas e familiares, mais especificamente a maternidade, buscando essa perspectiva e vivência femininas com muito mais complexidade e autenticidade.

Não faltam exemplos disso. No exterior, os livros de Annie Ernaux, Elena Ferrante,

Sally Rooney e Pilar Quintana têm sido apresentados como grandes fenômenos editoriais que abordam a perspectiva feminina das relações afetivas e familiares. No Brasil, acompanham essa mesma tendência as obras *O peso do pássaro morto* e *Pequena coreografia do adeus*, de Aline Bei; *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, de Martha Batalha; *A natureza da mordida*, *Véspera* e *Tudo é rio*, de Carla Madeira; *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo; *A filha primitiva*, de Vanessa Passos etc.

Consequentemente, essas mulheres, autoras de suas próprias narrativas, além de apresentarem realidades ficcionais e poéticas diversas, buscam também repensar os papéis que foram impostos a elas na sociedade. Além disso, trazem um olhar mais humanizado, intrínseco e complexo para relações e sentimentos que são considerados tabus ou inexistentes para uma mulher. Considerando a visão e a idealização que ainda permeia o pensamento social sobre a figura materna, torna-se um trabalho mais desafiador e socialmente importante apresentar ao público que as mães não são esse ser santificado e são passíveis dos erros mais diversos.

Mesmo Rio é um desses livros, o primeiro romance escrito por Elisama Santos, escritora e psicanalista, publicado pela Editora Record no ano de 2022. Logo em sua epígrafe, a autora traz uma citação de Heráclito: "Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontram as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou". A temática central do livro são as relações familiares, especificamente a relação entre mãe e filhos. A premissa e a principal questão da narrativa se concentram na seguinte pergunta: será que é possível ser a mesma mãe para todos os filhos, tratá-los com atenção e carinho de uma forma similar ou minimamente justa para todos, cumprindo uma função naturalizada e sagrada imposta pela cultura?

Neste trabalho de conclusão de curso, o objetivo é apresentar a obra contemporânea brasileira *Mesmo Rio*, analisando o desenvolvimento da relação entre mãe e filhos, os aspectos socioculturais e crenças sobre a figura materna e o "mito do amor materno" (BADINTER, 1985). Isso tudo utilizando da metáfora do rio presente no romance, desenvolvendo-o como o percurso de um rio, da nascente até a sua foz, seu desaguar.

No início da narrativa, nos deparamos com a personagem Rita recebendo a notícia de que sua mãe, com quem evita contato há dez anos, está com câncer em estágio terminal. Leitor e personagem se encontram desnorteados: a notícia súbita é o gatilho para a imersão numa complexa teia familiar.

Através do narrador onisciente, obtém-se uma primeira noção dos sentimentos controversos de Rita, que não sabe qual reação deve ter em relação à notícia, por relembrar a

razão pela qual decidiu pôr fim ao convívio familiar, fato de que os leitores ainda não têm conhecimento. Com isso, no primeiro capítulo “A notícia”, atravessamos os pensamentos dos irmãos Rita, Marília e Lucas, que lidam com a proximidade da morte da mãe de maneiras diferentes, de acordo com a relação que ela estabeleceu com cada um deles e enfrentando sentimentos que, a princípio, se contradizem. A partir desse momento, a narrativa retorna alguns anos, apresentando o capítulo intitulado “A mãe”, trazendo a perspectiva de Maria Lúcia antes de se tornar mãe e, posteriormente, a trajetória do nascimento e da criação de cada um de seus filhos. Ao longo da obra, são apresentados ao leitor os diversos pontos de vista sobre as mesmas situações compartilhadas por essa família, o que permite a compreensão da complexidade das relações ali postas, principalmente as relações femininas.

A escolha de utilizar a metáfora do rio como norte deste trabalho, além do fato de estar presente ao longo do romance, justifica-se também pela forte associação simbólica entre o rio e a figura feminina. Assim como o rio, a mulher é frequentemente relacionada à fluidez, à fertilidade e à capacidade de gerar. No contexto do romance *Mesmo rio*, essa metáfora se torna ainda mais significativa, pois a narrativa aborda as diferentes versões de uma mesma mãe, Maria Lúcia, em suas múltiplas formas de ser e agir, tal qual um rio que, embora preserve sua nascente, modifica-se ao longo do percurso. Dessa forma, o rio simboliza não apenas o curso da vida e das relações familiares, mas também a certeza do processo de mudança que atravessa cada personagem. Retomando a ideia de Heráclito de que “ninguém se banha duas vezes no mesmo rio”, o romance sugere que, assim como as águas nunca são as mesmas, as pessoas – mães, filhos, famílias – também estão em permanente transformação, ainda que conservem a mesma origem.

É importante ressaltar que a obra se estrutura em um tempo psicológico, iniciando-se próximo ao falecimento da mãe e alternando com recortes do passado e lembranças de cada personagem. Nas considerações finais, esses momentos narrativos serão retomados de forma sintética, permitindo reflexões acerca da representação da figura materna e a articulação com os referenciais teóricos e sociais discutidos neste primeiro capítulo.

2. NASCENTE

Neste capítulo, intitulado “Nascente”, busca-se apresentar as origens familiares de Maria Lúcia e Benedito, destacando o início da constituição de sua nova família a partir da união do casal, de modo a oferecer um panorama mais amplo de suas trajetórias.

A imagem tradicional de família é uma construção social, geralmente composta por uma mãe responsável pelos cuidados do lar, um pai provedor do sustento familiar e filhos cujos cuidados se concentram na figura materna, desde antes do nascimento. Ao analisar contextos familiares, sobretudo os de caráter tradicional, torna-se fundamental considerar também a interseccionalidade racial e de classe social. No entanto, Elisama Santos adota uma estratégia narrativa diferenciada em seu romance, apresentando uma família negra “que rompe a narrativa que construíram para nós, negros, de que nossas histórias são só de pobreza, dor e sofrimento”[1], retratando personagens com condições financeiras favoráveis e deslocando o foco para os relacionamentos estabelecidos no seio familiar.

A concepção socialmente difundida sobre a maternidade, especialmente no imaginário ocidental, é fortemente influenciada pela tradição cristã, conforme discutido no primeiro capítulo deste trabalho. A figura de Maria, mãe de Jesus Cristo, aquele que veio para se sacrificar em prol da humanidade, expressa o comportamento desejado para as mães por parte da sociedade: uma mulher devota, que se sacrifica em prol do bem de seu filho e da humanidade. Maria é concebida como virgem, uma figura “pura”, intocada e santificada, cujo exemplo estabelece expectativas quase impossíveis de serem atingidas. Assim, a idealização da maternidade reforça o caráter sobre-humano e inalcançável da condição materna na sociedade.

A família representada em *Mesmo Rio* é, aos olhos da sociedade, uma família tradicional composta por um pai, Benedito, uma mãe, Maria Lúcia, e três filhos, Lucas, Marília e Rita. O formato familiar cumpre superficialmente com o que é considerado uma família tradicional, entretanto, nota-se que, ao longo da narrativa, as relações interpessoais aqui presentes não cumprem com a relação familiar harmoniosa que é esperada. Essa família apresentaria um efeito negativo no *clima familiar* que “é medido pela percepção que os membros de uma família têm sobre as características dos relacionamentos que estabelecem entre si e sobre o funcionamento familiar” (TEODORO, ALLGAYER e LAND, 2009). Seu efeito é considerado negativo justamente por não haver o vínculo esperado nessa dinâmica

[1] Entrevista disponível no link: https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2023/01/13/interna_pensar,1443674/elisama-santos-disseca-os-dramas-de-uma-familia-brasileira-em-mesmo-rio.shtml.

familiar, principalmente no que diz respeito à mãe.

2.1 OS PAIS

No segundo capítulo do romance, intitulado “A mãe”, acompanhamos o nascimento e desenvolvimento de Maria Lúcia como mulher, esposa, mãe e dona de casa. Esse é o primeiro momento no romance em que o nome da mãe é, de fato, apresentado aos leitores: Maria Lúcia Souza de Jesus. É uma mulher nascida na zona rural e de uma família grande que não tinha condições de dedicar tempo e carinho a todos os filhos. Nesse contexto, é explicitado de maneira enfática que Maria Lúcia “sentia falta de algo que nem sabia que existia” (SANTOS, 2022, p. 26), sentia falta das relações familiares afetuosas. Entretanto, ela se acostumou a fingir não sentir falta de um cuidado mais atencioso até que esse fingimento se tornasse realidade. Mudou-se para a casa de uma tia com o objetivo de ter acesso a melhores condições de estudo enquanto trabalhava e, com muito esforço, conseguiu êxito ao se formar no curso de Economia. Por outro lado, o mercado de trabalho era cruel, não havia oportunidades para uma mulher negra por mais capacitada que ela fosse.

Em uma das inúmeras entrevistas a que compareceu, um homem aguardava na sala de espera para concorrer à mesma vaga que ela. Esse homem era Benedito, seu futuro marido e pai de seus filhos. Encerradas as entrevistas do dia, “ele conseguiu um emprego; ela, um marido” (SANTOS, 2022, p. 28). Depois de tantas frustrações na sua tentativa de obter sucesso profissional, Maria Lúcia conformou-se com o que o destino tinha oferecido e dedicou-se a conquistar aquele homem: “Não casou por amor ao marido, mas por amor ao que ele representava: a família, a tranquilidade, a saída da casa da tia” (SANTOS, 2022, p. 28).

Benedito, assim como Maria Lúcia, teve uma infância difícil, sem muitas demonstrações de carinho por parte de seus pais. Convivendo em um ambiente familiar constantemente hostil por causa de seu pai, Benedito preferia manter-se quase sempre fora de casa: “Se a casa oprimia, a rua libertava. Apesar das brigas com os meninos, ficar fora era seguro e divertido” (SANTOS, 2022, p. 50). Evitou ao máximo seguir os passos do pai, escolheu cursar Economia enquanto o pai era um engenheiro renomado com seu próprio escritório. Assim que Benedito se formou e vislumbrava um futuro de liberdade e independência à sua frente, seu pai falece e, inevitavelmente, ele teve que assumir o escritório por um tempo.

Com o passar do tempo, Benedito, por meio de alguns contatos na área, conseguiu uma entrevista de emprego, mesmo sem experiência prévia. Foi nesse contexto que conheceu

Maria Lúcia, momento em que “conseguiu na mesma tarde, o emprego e a esposa, e a sua vantagem foi maior que a dela como sempre” (SANTOS, 2022, p.51-52). Essa passagem evidencia uma crítica presente no romance de como o patriarcalismo enraizado na sociedade impõe maiores obstáculos às mulheres para se estabelecerem no mercado de trabalho e se desenvolverem profissionalmente, enquanto aos homens tal trajetória é socialmente esperada e incentivada. Consequentemente, assumir os cuidados do lar e da família torna-se quase inevitável para muitas mulheres, configurando uma decisão comum em casais nos quais o homem conquista seu espaço profissional enquanto a mulher permanece limitada nesse âmbito.

Enfim, após dois anos de casamento, Maria Lúcia constatou que estava grávida de seu primeiro filho, Lucas. Poucos anos depois da primeira gravidez, concebeu Marília e, por fim, quando começava a vislumbrar a possibilidade de retomar minimamente sua vida profissional, engravidou novamente, desta vez de Rita. Esse panorama inicial evidencia como Maria Lúcia, assim como muitas mulheres, assume o papel de dona de casa e mãe, dedicando-se integralmente aos filhos e tornando-se financeiramente dependente de seu marido. Seus projetos pessoais e expectativas profissionais cedem lugar à percepção de que seu destino como cuidadora do lar era, socialmente, inevitável.

2.2. OS FILHOS

“Quando a gente vira mãe, deixa de existir, tem que viver para os filhos!” (SANTOS, 2022, p. 25), essa é uma das frases que provavelmente mais acompanha as mulheres que estão às vésperas de se tornarem mães. Maria Lúcia, no entanto, não necessariamente gostaria de seguir com esse, até então, incontestável destino.

A narrativa apresenta aos leitores que, na primeira gravidez, tudo ocorreu da maneira mais tranquila possível, principalmente diante do que Maria Lúcia tinha presenciado e ouvido de sua mãe sobre a maternidade. De início, compreendeu tudo que é compartilhado sobre essa mudança que a presença de um filho provoca na vida de uma mulher, e acreditava que enfim sua existência tinha sentido. Entretanto, com o passar dos dias, meses e anos, além do cansaço típico da maternidade, aquela mesma falta que sentia na juventude voltou a acompanhá-la. Por mais que amasse seu filho Lucas e exaltasse cada passo que ele desse, ser mãe ainda não era suficiente para suprir a ausência da vida social e profissional tão almejada e do afeto que nunca foi oferecido em sua infância. Assim, quando ela começava a ter essa certeza dentro de si mesma, descobriu a segunda gravidez.

A gravidez de Marília foi sentida por ela como fácil graças à experiência que adquiriu da primeira gestação, e essa sensação de facilidade se tornou uma marca, e um grande peso, que acompanhou Marília ao longo de sua vida. A chegada da filha, após o filho primogênito, fez com que Maria Lúcia começasse a compartilhar com Marília, desde cedo, a responsabilidade de ser dona de casa e mãe, já que não poderia dividir esse tipo de angústia com o marido ou com Lucas. Assim, Marília tornou-se sua confidente, ouvindo desabafos, conselhos e reclamações sobre a vida e o peso de ser esposa, mãe e responsável pela dinâmica dos cuidados domésticos. Esses constantes relatos sobre o fardo doméstico reforçaram o sentimento de incompletude que Maria Lúcia sentia em relação à maternidade. Além disso, moldaram Marília de uma forma que ela buscasse sempre tornar a vida de sua mãe mais fácil, afinal, ela já sustentava um fardo muito pesado.

A primeira análise que pode ser realizada da relação entre Maria Lúcia e Lucas, em contraste com sua ligação com Marília, evidencia que o patriarcalismo não se limita a moldar o comportamento masculino, mas também influencia profundamente as expectativas e atitudes das mulheres. Antes do nascimento de Marília, Maria Lúcia não compartilhava suas frustrações nem as tarefas domésticas com o marido ou com o primogênito, preservando-os do que percebia como o "trabalho" de ser mãe e dona de casa. Essa proteção, embora motivada pelo cuidado da mãe pelo filho, contribuiu para a formação de uma postura passiva em Lucas, que, poupado de responsabilidades e desafios, desenvolveu uma tendência a evitar conflitos e a acreditar que as situações se resolveriam por si mesmas, sem a necessidade de interferência dele. Tal dinâmica ilustra como o patriarcalismo se reproduz não apenas através da imposição direta de papéis aos homens, mas também por meio das decisões e comportamentos das mulheres, que, muitas vezes sem perceber, reforçam normas de gênero que limitam tanto sua própria autonomia quanto a capacidade de ação de seus filhos.

Dando continuidade aos conflitos de Maria Lúcia em relação à maternidade, um episódio específico no romance ilustra de forma contundente as tensões geradas por essas expectativas sociais. Ao encontrar uma vaidosa colega da época da faculdade, cabelos arrumados e unhas pintadas de vermelho, Maria Lúcia, mãe de duas crianças pequenas, sem tempo sequer para se arrumar, sentiu-se imediatamente inferior. A situação se agravou quando seu filho mais velho soltou sua mão e derrubou uma pilha de fraldas, chamando atenção de todos. A vergonha inicial foi rapidamente substituída por raiva: "[...] odiou a si mesma, aos filhos, ao marido e à vida que levava" (SANTOS, 2022, p. 33). Esse episódio afetou profundamente sua autoestima e a impulsionou a tentar retomar o controle de sua vida, planejando o retorno à carreira profissional. Imaginava uma nova rotina, a possibilidade de

conhecer novas pessoas, deixar os filhos na creche e ter assuntos que extrapolassem a vida doméstica. No entanto, nesse contexto de reorganização e expectativa de autonomia, Maria Lúcia descobre estar grávida novamente, reforçando a complexidade de suas escolhas e limitações impostas pelo papel materno.

Essa notícia é narrada como a última coisa que Maria Lúcia desejaria para aquele momento: "A descoberta foi recebida com um pesar incomum, como uma sentença de prisão perpétua. […] Torcia para perder o bebê, esperava que um sangramento levasse o feto que, insistente, crescia e sugava suas forças." (SANTOS, 2022, p. 35). Por fim, Rita nasceu na ausência de uma mãe que ansiasse a sua chegada, uma mãe que na realidade admitia a si mesma que tinha algo nessa criança que a incomodava demais, porém Maria Lúcia fingia aos olhos alheios não saber a origem desse incômodo: ela mesma.

> Talvez a menina a lembrasse demais a Maria Lúcia de Jesus, de quem ela queria fugir. Enquanto Marília era a criança fácil, a caçula parecia ser seu oposto: difícil demais, demandante demais, reclamona demais, chorona demais. Rita era o excesso, a sobra, a ponta não aparada. O prego que pendurou para sempre o diploma de economia na parede de coisas inúteis. (SANTOS, 2022, p. 36)

Nesse primeiro momento, apresentado o contexto do nascimento de cada um dos filhos de Maria Lúcia, é possível constatar que são momentos completamente diferentes da vida de uma mulher e que a perspectiva dela sobre si mesma também se altera bastante, tendo sido, portanto, três pessoas diferentes a cada gestação. A partir disso, Maria Lúcia transferiu os seus sentimentos relacionados a esses momentos para cada um desses filhos.

Dessa forma, observa-se que, a partir da "nascente" apresentada em *Mesmo rio*, o percurso de cada filho se desenvolve de maneira singular. Esses percursos representam a história de vida de cada um, a qual não é definida apenas pelo ponto de partida, a nascente, mas profundamente marcada pelas diferentes águas que dela emanam. São essas influências iniciais que deixam impressões duradouras, moldando trajetórias e experiências que os filhos carregarão ao longo de toda a vida.

3. O PERCURSO

Após a apresentação do nascimento de cada um dos filhos e estabelecida a relação que a mãe teve com a gestação de cada um deles, discorreremos a partir daqui, no capítulo intitulado “Percurso”, sobre o desenrolar, o desenvolvimento dessas relações ao longo da infância e adultidade.

Lucas, primogênito, único filho homem e favorito da mãe, nunca precisou enfrentar responsabilidades domésticas ou lidar com questões emocionais, desenvolvendo uma postura alheia às demandas familiares. Marília, confidente da mãe, assumiu desde cedo a responsabilidade de manter a ordem do lar e garantir a felicidade materna, muitas vezes à custa da atenção aos próprios sentimentos e dos demais membros da família. Rita, rejeitada pela mãe e favorita do pai, buscava incessantemente afeto materno, mas encontrava apenas críticas e humilhações, suscitando questionamentos sobre o silêncio do pai diante dessas situações.

A análise dessas relações evidencia que o favoritismo materno, articulado às normas patriarcais, moldou não apenas os vínculos entre mãe e filhos, mas também a dinâmica entre os irmãos. Conforme abordam autoras como Chodorow (1978) e Badinter (1985), a maternidade, socialmente construída, impõe papéis diferenciados para filhos e filhas, reproduzindo desigualdades de gênero desde a infância. Rita e Marília não compreendiam a atenção desproporcional dedicada a Lucas, enquanto este e Rita não conseguiam compreender a rigidez e o distanciamento de Marília. Essa desigualdade afetiva gerou ressentimentos, rivalidades e dificuldades de comunicação entre os irmãos, que se tornaram ainda mais evidentes quando Rita se afastou da família por dez anos, sem receber apoio para enfrentar as humilhações maternas. Essa disparidade reforça a ideia de que o favoritismo materno, aliado às estruturas patriarcais e às expectativas sociais de gênero, exerce impactos profundos na construção da identidade, na percepção de valor próprio e na capacidade de se estabelecerem vínculos entre os filhos.

3.1 RITA

A narrativa é iniciada a partir do ponto de vista de Rita e ao longo da obra é possível compreender a motivação dessa escolha no romance. A relação entre a filha mais nova e Maria Lúcia não se mostra fácil ao longo da narrativa, desde o seu nascimento até a morte da

mãe. O contexto da gravidez e nascimento de Rita foi o menos oportuno possível: Maria Lúcia estava pronta para colocar em prática seus planos de retorno ao mercado de trabalho, mas viu essas perspectivas frustradas, assim como outros projetos pessoais.

Nesse cenário, a frustração acumulada da mãe foi direcionada à filha mais nova e, assim, revela como a maternidade é socialmente sustentada por normas patriarcais e pode gerar relações assimétricas e prejudiciais. Do ponto de vista teórico, Badinter (1985) evidencia que a idealização da maternidade cria padrões quase inalcançáveis, nos quais a mulher é constantemente pressionada a calar aspirações pessoais em nome dos deveres familiares. Com isso, no romance, a frustração de ter suas vontades limitadas pela geração de uma nova filha em seu ventre mostra-se mais que visível, quase palpável, através do comportamento de Maria Lúcia, que manifesta incômodo diante da existência de Rita.

Então, assim como é exigido de Maria Lúcia pela sociedade o desempenho perfeito sobre o papel materno, Rita é submetida a críticas constantes e à exigência de uma perfeição aos olhos da mãe. Dessa forma, observa-se que Maria Lúcia projeta na filha expectativas inalcançáveis, exigindo de Rita o que a sociedade exige dela mesma como mãe: a perfeição. Com isso, nota-se de forma concreta também como tais pressões podem impactar o desenvolvimento emocional e a construção da identidade da filha, bem como suas relações interpessoais, repercutindo ao longo de toda a narrativa.

Apesar do seu histórico de relações amorosas conturbado, Rita conhece Iuri e é apresentada a um mundo em que ela era permitida ser quem era sem julgamentos e, inacreditavelmente, amada. Foi através desse olhar que aprendeu a gostar mais de si mesma, pois até então as vozes críticas de sua mãe dominavam seu modo de ver e viver a vida.

No sexto capítulo, intitulado “Rupturas”, finalmente é narrado o fatídico dia em que os vínculos familiares foram rompidos de forma definitiva. A paciência de Rita enfim esgotou-se devido à rispidez da mãe e pela passividade do resto da família. Na ocasião, Rita morava com Iuri, tinha uma vida profissional estável e tinha acabado de descobrir que estava grávida. Como era véspera de Natal, e considerando que seria a primeira vez que passariam a data na casa da família dela, as expectativas para o momento eram altas.

No entanto, sua chegada foi marcada por uma série de críticas por parte de Maria Lúcia, que se dirigiam à aparência, ao emprego e à personalidade da filha. O episódio culminou quando Rita, distraída, esbarrou na taça de Iuri, derramando vinho sobre a toalha de mesa. A reação da mãe foi desproporcional ao acidente, transformando um pequeno incidente em um grande escândalo, que simbolizou o ponto de ruptura definitivo na relação entre mãe e filha:

> – Ah, não acredito que agora você vai chorar! Quem deveria estar chorando era eu, que acabei de perder, ao mesmo tempo, uma porcelana Cacharel e a toalha comprada no Marrocos! Pior, tive que te educar e só ver crescer a lista de prejuízos que você já me deu. Me poupe das suas lágrimas! (SANTOS, 2022, p.132)

Sentindo a mão de Iuri tentando consolá-la, Rita finalmente expressou que havia acumulado ao longo de anos:

> – Eu cansei de me importar com o que você diz ou pensa. Nunca fui boa pra você, nunca serei boa pra você, não importa o que eu faça. Eu podia sair daqui e deixar a porra da sua toalha chique tão limpa quanto eu cheguei e eu continuaria sendo a Rita, a filha que só te cansa, que só te dá trabalho e desgosto. Você nunca conseguiu gostar de mim, mãe, e eu cansei de esperar por esse maldito dia. Eu cansei! [...] (SANTOS, 2022, p.133-134)

Mesmo com a reação desproporcional da mãe, quem foi considerada descontrolada pelo resto da família foi Rita, ao expor tudo que sofreu por longos anos, afinal, a figura materna sagrada é tanto uma prisão como, às vezes, uma salvaguarda. A família tentou fazer com que ela se acalmasse e entendesse que a mãe é desse jeito, que não há opção senão aceitar, mas essa atitude apenas inflamou mais ainda sua revolta contra a situação. Questionou a imparcialidade de Lucas e o silêncio do pai, brigou com Marília, pediu para todos esquecerem a sua existência e retirou-se daquela casa e da vida de todos.

Depois desse dia, a única vez que Rita e Maria Lúcia tiveram contato foi, dois anos depois, quando Lucas estava prestes a se casar e desejava a presença de Rita. Não adiantava quantas vezes ele tentasse ligar para ela, Rita estava convicta de seu posicionamento. A única coisa que ela queria ouvir era um pedido de desculpas sincero da mãe. Quase conseguiu, mas novamente a interação entre elas desdobrou-se em insultos direcionados a Rita. Entre os insultos, o filho de Rita chorou e, brevemente, a ligação foi encerrada. Consolando o seu filho, observou-o e apenas confirmou mais uma vez que não compreendia sua mãe:

> Observava o filho e, só de imaginar dizer para ele algumas das palavras que escutou da mãe, era tomada pela vontade de abraçá-lo e pedir desculpas pelo que não disse. Como ela conseguia? Como conseguiu falar tudo o que falou e olhar para Rita como olhou e não sentir qualquer arrependimento? (SANTOS, 2022, p.156)

Principalmente depois de tudo que sofreu de sua mãe, Rita ainda não conseguia compreender o ditado popular: “depois que você tiver filhos, vai entender melhor sua mãe”. Restou apenas aceitar a realidade e manter distância da sua mãe para que essa relação não voltasse a afetar a forma de enxergar a si mesma e na criação de seu filho, sustentando essa decisão por dez anos.

3.2 MARÍLIA

Enquanto Rita ocupava o lugar de filha amada pelo pai e Lucas era alvo da devoção materna, Marília percebia-se como a "sobra" da família, destinada a viver em função de conquistar uma parcela mínima de atenção. Na sua perspectiva, os irmãos gozavam da liberdade de ser quem desejassem, de agir sem maiores consequências, enquanto a ela cabia a tarefa de conter-se e agir de forma impecável para garantir um olhar, ainda que mínimo, da mãe. Essa atenção, de forma paradoxal, muitas vezes se manifestava apenas no momento em que a mãe projetava sobre Marília as frustrações ligadas à vida doméstica e familiar. Mesmo assim, a filha encontrava nessas ocasiões um espaço de reconhecimento, ainda que marcado pelo peso da obrigação de inúmeras tarefas familiares e pelo sofrimento.

> Não recebia os risos e aplausos, mas amparava as lágrimas, e isso valia alguma coisa. Buscar incansavelmente a perfeição era um fardo necessário para sentir que podia fazer algo diante das dores dela e da mãe. Se não era um prazer a mais, queria ser uma preocupação a menos. (SANTOS, 2022, p.67)

Além disso, desde criança, Marília olhava para Rita de uma maneira que a fazia "oscilar entre a inveja e a raiva" (SANTOS, 2022, p.66). Ela sentia inveja do olhar de amor e carinho que seu pai dirigia a Rita e da liberdade que Rita emanava. Essa liberdade escapava através dos gestos e trejeitos de sua irmã, e que Marília sabia que gerava incômodo à sua mãe, logo pensava: "Como Rita não se importava com o desgosto que o seu comportamento causava?" (SANTOS, 2022, p. 66). Como poderia sua irmã ser tão diferente dela e não buscar agradar a mãe, mas, pelo contrário, sempre estragar tudo?

Se em relação à irmã o que a inquietava era o fato de ela gerar incômodo na mãe e, aparentemente, não se importar, em relação ao seu irmão era o fato de a mãe idolatrar cada passo dele, mesmo sem esforço. "No irmão, as ações ganhavam mais brilho, mais luz, mais beleza. A presença dele fazia a mãe suspirar de orgulho e felicidade." (SANTOS, 2022, p. 67). Marília poderia fazer o impossível que ela não chegaria aos pés de Lucas. Assim, Marília acostumou-se a nunca ser vista, a nunca ter um olhar cuidadoso direcionado para ela e contentou-se com a realidade de ter que resolver tudo sozinha.

Esse arranjo familiar revela como, dentro da lógica patriarcal, além da diferenciação de tratamento entre filhas e filhos, as mulheres, nesse caso Marília e Rita, podem ser alçadas a diferentes lugares de importância em uma mesma família, sem que isso represente

efetivamente uma valorização. A atenção e, até mesmo, os elogios recebidos por Marília não se traduzem em afeto genuíno, mas em um espaço de exigência, de cobrança e de sobrecarga simbólica, marcando-a como “a filha responsável”, aquela que tem como dever sustentar o equilíbrio emocional da casa. Além de ser exposta sempre como “o exemplo” para a irmã mais nova, reforçando a rivalidade entre elas.

Em relação à vida amorosa, Marília foi casada com Sérgio por 12 anos e, como grande parte das mulheres, desempenhava uma jornada tripla de trabalho: atuava profissionalmente, cuidava do filho e mantinha a organização da casa. Ao buscar apoio do marido, deparava-se com um homem que acreditava já estar cumprindo seu papel, sem se empenhar efetivamente na divisão das responsabilidades domésticas e emocionais.

Essa situação reflete a sobrecarga tradicionalmente imposta às mulheres, que combinam trabalho remunerado com o trabalho doméstico e emocional, denominada popularmente como tripla jornada. Apesar de sua resistência a desistir, Marília percebeu que não poderia sustentar sozinha o casamento e, ao finalmente pôr fim à relação, sentiu alívio por não precisar mais manter aquela rotina exaustiva (SANTOS, 2022, p. 80).

O ponto central reside no fato de que Marília sempre assumiu o papel de “porto seguro” para a mãe, ciente do peso dessa responsabilidade, e projetou essa expectativa no marido. Ela acreditava que Sérgio poderia auxiliá-la nas tarefas domésticas, nas demandas profissionais e emocionais, e que poderia servir como uma espécie de “porto seguro” para ela. Entretanto, ele não se mostrou presente da maneira necessária e se absteve totalmente dessas demandas, assim como Benedito, o pai de Marília, e Lucas.

Com isso, inevitavelmente, Marília acabou por reproduzir, ainda que de maneira diferente, algumas das pressões impostas às mulheres pela construção social da maternidade. Embora tenha se esforçado para conciliar sua vida profissional e pessoal, diferentemente da mãe que deixou sua vida profissional para dedicar-se ao lar, a responsabilidade emocional e doméstica continuou a pesar sobre ela. Como Chodorow (1978) aponta, mesmo quando as mulheres buscam um pouco mais de autonomia, a socialização de gênero internalizada pode levá-las a assumir papéis de cuidado e mediação afetiva de forma quase automática, refletindo a persistência das normas patriarcais que associam às mulheres esse tipo de responsabilidade como uma obrigação. Assim, a situação de Marília no romance exemplifica essa tensão entre a busca por realização pessoal e os imperativos sociais de maternidade, evidenciando os limites estruturais que moldam a experiência feminina, mesmo quando há esforço consciente para se desvincular de padrões herdados da geração anterior.

No Natal em que Rita rompeu laços com a família, anos antes que decidisse pelo

término do seu casamento, Marília acordou cedo para auxiliar a mãe na preparação da ceia. Seu marido sugeriu que ela ficasse mais com ele, mas quando ela se mostrou firme em ajudar, ele nem sequer se dispôs a ajudar também. O dia começou com uma briga, prenunciando um longo percurso de conflitos e tentativas de conciliação que culminariam no divórcio.

Ao chegar à casa da mãe, Marília dedicou-se a todas as etapas da preparação da ceia, mas sentiu irritação diante da postura de Lucas, que chegara diretamente da praia sem qualquer preocupação, enquanto ela já carregava dias de planejamento e esforço. Sua frustração aumentou com o comportamento de Rita e o rumo que a noite de Natal tomou. A irmã, descontrolada, transformou a celebração, cuidadosamente organizada por Marília, em um escândalo e, sem mais, ausentou-se da família por dez anos, deixando à irmã a responsabilidade de reorganizar e lidar com a bagunça emocional deixada para trás.

3.3 LUCAS

Ao longo da narrativa, observa-se que Lucas nunca foi julgado pelos pais, ou ao menos não tanto quanto suas irmãs, especialmente, pela mãe. Quaisquer ações suas, por mínimas que fossem, eram recebidas com devoção materna, afirmando o favoritismo que o colocava em uma posição de conforto emocional e livre de funções práticas. Embora internamente não compreendesse e todo a razão desse tratamento diferenciado, Lucas reconhecia que tal proteção tornava sua vida mais fácil e, por isso, aprendeu desde cedo a não manifestar desejos e opiniões que dificultassem a sua paz, internalizando a evitação como estratégia de preservação emocional.

Na infância, diante de tensões familiares, Lucas lidava de maneira simples: rapidamente encontrava maneiras de se afastar, saindo para brincar com outras crianças, “Lucas odiava conflito, desentendimentos. Topava qualquer negócio para fugir do confronto, de vozes alteradas, de corações acelerados.”(SANTOS, 2022, p.75). Essa postura, reforçada pelo favoritismo materno e pela proteção excessiva, moldou não apenas sua relação com a família imediata, mas também sua forma de lidar com conflitos e responsabilidades ao longo da vida.

Lucas envolveu-se amorosamente com várias garotas até encontrar Aline, sua futura esposa, com quem conseguiu nutrir uma relação mútua de admiração e confiança. Entretanto, a principal queixa de Aline sobre Lucas era em relação à sua passividade: ele tinha a tendência de não se posicionar quanto às suas próprias vontades e opiniões, guardando grande

parte de seus posicionamentos por receio de que conflitos pudessem levá-la a desistir do relacionamento. A situação tornava-se ainda mais complexa quando surgiam embates entre os desejos de Aline e as demandas da mãe. Nesses momentos, Lucas invariavelmente escolhia o lado materno, refletindo a internalização do favoritismo, da autoridade materna e da preservação da necessidade da aprovação materna, afinal "Se ela desistisse de amá-lo, seria capaz de sustentar, sozinho, o peso do próprio corpo?" (SANTOS, 2022, p. 74-75).

O rompimento de Rita com a família ocorreu no início do relacionamento entre Lucas e Aline. Ela esteve ao seu lado, acompanhando toda a sua frustração em relação à ausência de Rita, e ele seguiu observando, ainda que à distância, o desenvolvimento da nova família da irmã. Com o passar do tempo, atentando um pouco para as relações familiares, Lucas passou a compreender os motivos que levaram Rita a não desejar manter nenhum contato, reconhecendo as consequências do favoritismo materno e da hierarquia familiar sobre suas escolhas e relações afetivas.

> Em algum lugar ele sabia que, quando criança, não havia muito mesmo o que fazer para defender Rita, mas naquele Natal podia ter se posicionado, pontuado que os comentários eram mesmo ofensivos. Podia ter dito que não continuaria assistindo à indiferença gritante de tratamento que a mãe devotava a cada filho. Mas escolheu o ficar em silêncio e acreditar no poder do tempo [...] (SANTOS, 2022, p.148)

A escolha de manter-se em silêncio custou a convivência familiar e contribuiu para o afastamento de Rita desse ambiente. Mesmo que houvesse momentos em que acreditasse que esse silêncio ajudaria a acalmar os ânimos e as emoções afloradas, sabia que, na realidade, apenas reforçava certos comportamentos, especialmente os da mãe, mantendo a ilusão de paz apenas para si. A prova disso é o contraste nas lembranças que cada irmão guarda da sua própria infância.

> [Lucas] Diz, saudoso, que foi um tempo muito bom. Marília não fala da infância com o mesmo romantismo. Rita prefere não pensar no que passou. Não tiveram a mesma infância, ainda que insistam em dizer que sabem tudo do passado um do outro. Ter dividido a mesma casa, o mesmo pai e a mesma mãe não foram o suficiente para se conhecerem. (SANTOS, 2022, p.76)

Três irmãos conviveram no mesmo lar, que desencadeia, no entanto, vivências e memórias totalmente diferentes para cada um deles. Enquanto para Lucas a memória sobre a infância traz uma nostalgia e uma ilusão de intimidade com as irmãs, é também observado um distanciamento, uma certa estranheza e até mesmo rejeição em relembrar essa fase por parte de Marília e Rita. A fonte comum da existência de cada um deles, que deveria uni-los e fazê-los conhecer inteiramente um ao outro, na realidade, os distancia, tornando os próprios

irmãos estranhos uns aos outros.

Como observado ao longo deste capítulo, essas divergências refletem o impacto do patriarcalismo e da socialização de gênero, que moldam expectativas e comportamentos desde a infância, reforçando desigualdades afetivas entre irmãos. Entretanto, essas relações estavam prestes a sofrer mudanças profundas, à medida que a doença da mãe se agrava e o momento de sua morte se aproxima, alterando de forma definitiva a dinâmica familiar e a percepção de cada filho sobre o passado compartilhado.

4. DESAGUAR

Neste capítulo, intitulado “Desaguar”, é desenvolvido o encerramento da narrativa de *Mesmo rio*. Além de apresentar Maria Lúcia em seus últimos momentos de vida na presença de seus três filhos e romper com alguns comportamentos habituais de sua pessoa, a sua morte simboliza a foz do rio que percorreu a trajetória de seus filhos. Nesse momento, Lucas, Marília e Rita confrontam memórias e conflitos acumulados, evidenciando como suas experiências individuais moldaram identidades e relações afetivas. O desfecho permite refletir sobre maternidade, socialização de gênero e construção de vínculos afetivos, mostrando que, embora cada percurso seja distinto, todos carregam as marcas da mesma “nascente”.

Já em estado avançado, Maria Lúcia recebeu a notícia do câncer e sentiu-se extremamente injustiçada, questionando a razão de estar acometida por uma “doença que a engolia por dentro” (SANTOS, 2022, p.39). Afinal, dedicara-se integralmente ao cuidado de seus filhos, acompanhara sua mãe até os últimos dias e doara grande parte da própria vida à família, não conseguindo compreender como, mesmo após tanto empenho, receberia tal punição. Contudo, em um momento de reflexão, passou a aceitar que aquela era apenas a forma como iria morrer, reconhecendo que a morte é inevitável para todos. Decidiu, então, confrontar o luto pela vida que não pôde ter e que não teria mais oportunidade de experienciar plenamente.

> E não lhe davam o direito de viver o luto. Queria chorar, de dor, de raiva, de mágoa e tudo o mais que guardava no peito. Mas não o fez. Engoliu as lágrimas, com a força do hábito de toda uma vida, e decidiu que teria o mínimo de autonomia diante do resto dos seus dias, o que significava dizer não à tentativa desesperada de fazer tratamentos dolorosos, invasivos e ineficazes. Ela não se agarraria à vida com esse desespero, iria se despedir sem espernear. (SANTOS, 2022, p.40)

Ao longo dos dias, Maria Lúcia perdia progressivamente suas forças, e a necessidade de cuidados aumentava. Inevitavelmente, a responsabilidade recaiu sobre Marília, tornando-se a sua principal cuidadora, uma vez que nem o pai nem Lucas possuíam capacidade, disposição ou preparo psicológico para lidar com a situação. Essa circunstância evidencia mais uma vez um padrão recorrente: o cuidado de pessoas enfermas é socialmente direcionado às mulheres, enquanto os homens frequentemente se mostram incapazes, emocional ou psicologicamente, de assumir essas tarefas.[2]

[2] De acordo com o IBGE, em 2022, as mulheres dedicaram, em média, 21,3 horas semanais aos afazeres domésticos e/ou cuidado de pessoas. Por outro lado, os homens gastaram apenas 11,7 horas. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39358-mulheres-pretas-ou-pardas-gastam-mais-tempo-em-tarefas-domesticas-participam-menos-do-mercado-de-trabalho-e-sao-mais-afetadas-pela-pobreza.

Passados dois meses, a doença avançava a ponto de provocar delírios em Maria Lúcia devido à intensa dor. Havia dias em que conseguia permanecer mais presente e outros em que mal podia sentar-se na cama. Em meio a essa condição, lembrava-se de seus vestidos, jóias, discos de vinil, plantas e livros – fragmentos de sua vida que deixaria para trás – e perguntava-se quem se interessaria por esses resquícios de sua memória após sua partida.

Em um dos dias em que acordou mais disposta, Maria Lúcia mexeu em suas joias e encontrou o par de brincos em formato de rosa, o acessório mais desejado por Rita quando era criança. Os brincos eram seu primeiro presente para si mesma, eles remetiam seus sonhos pessoais de mais jovem e ver sua filha tão atraída por eles só fazia com que se lembrasse mais ainda da vida que desejava ter tido.

Maria Lúcia desejou entregar os brincos como sua herança à Rita, uma forma de reconciliação, apesar de admitir que "Nunca gostou da filha, agora tinha certeza disso. Era a mãe e cumpriu seu papel de cuidar. Mataria e morreria pela filha, mas não gostava de conviver com ela" (SANTOS, 2022, p. 43). Essa reflexão da personagem explicita a contradição constitutiva do laço entre mãe e filha: é possível cuidar sem afeto e apenas cumprir o papel de cuidado esperado pela figura materna sem cultivar o famigerado amor incondicional materno. Enfim, pediu para que Marília ligasse para a irmã, pois gostaria de ver seus filhos juntos novamente antes de chegar a hora de partir.

A reação de Rita ao reencontro é igualmente significativa. Mesmo na intenção de demonstrar sua indignação com a relação que tinham, sua resposta é marcada pela piedade e pela culpa ao encontrar a mãe naquele estado, tão diferente da mulher inabalável com quem conviveu grande parte da sua vida, revelando a complexidade das heranças emocionais transmitidas no seio familiar. A compaixão de Rita, em lugar do ressentimento, aponta para a permanência do vínculo invisível com a mãe, mesmo após anos de distanciamento e de dor. Esse movimento evidencia que a subjetividade dos filhos é constituída, em grande medida, pela presença – ou ausência – da figura materna, cujas marcas permanecem indeléveis.

A cena de reencontro entre as irmãs revela o contraste entre duas formas distintas de lidar com a experiência da maternidade internalizada: de um lado, Rita, paralisada diante da imagem da mãe fragilizada, incapaz de transformar em ação o ressentimento acumulado; de outro, Marília, tomada por uma raiva latente. Ela desejava que a irmã compartilhasse ao menos uma parte da sobrecarga emocional e física que sempre lhe coubera. Esse embate silencioso revela não apenas a diferença de trajetórias entre as duas, mas a forma como cada filha foi subjetivada dentro da lógica materna.

A raiva de Marília surge do sentimento de injustiça e desigualdade em relação a sua

irmã: enquanto ela foi designada, desde cedo, a assumir a posição de “porto seguro” da mãe e, mais tarde, a de cuidadora, Rita pôde se afastar – ainda que a um alto custo afetivo. No entanto, esse afastamento da Rita, que poderia representar uma possibilidade de descontinuação com o padrão do comportamento tóxico no meio familiar e desencadear a esperança de um recomeço, torna-se, na verdade, motivo de ressentimento, uma vez que Marília o interpreta como abdicação de responsabilidade. Assim, a relação entre as irmãs espelha a própria estrutura de opressão que moldou suas vidas: o cuidado imposto a uma mulher em detrimento da liberdade de outra, ambas marcadas por sentimentos contraditórios de raiva, culpa e impotência. Além disso, demonstra a maneira como a raiva em relação à sobrecarga emocional e de cuidados recai apenas sobre a mulher, pois a raiva de Marília contra Rita nesse momento é diferente da sua raiva sobre Lucas.

Diante daquele momento, Lucas foi o primeiro a falar, e afirmava que a mãe ia melhorar, apesar de presenciar a piora no quadro. Observa-se que o seu posicionamento diante da iminência da morte da mãe reafirma sua postura habitual de fuga do desconforto. Ao afirmar, sem convicção, que Maria Lúcia melhoraria, constatamos que sua fala não revela uma esperança verdadeira, mas uma tentativa de preservar uma falsa harmonia e evitar o peso emocional da situação, mais uma vez.

Entretanto, a resposta de Maria Lúcia marca um deslocamento importante pois, pela primeira vez, ela não poupa o filho das durezas da vida nem se coloca como mediadora da dor. Ao declarar estar em paz com a morte e aconselhá-lo a também estar, a mãe rompe com o papel idealizado que lhe foi atribuído, recusando-se a sustentar ilusões. Sua recusa em direcionar sorrisos ou amenizar palavras ao “filho de ouro” simboliza o fim de sua função materna enquanto provedora de conforto.

Em seguida, ao pedir que Rita se sentasse ao seu lado e lhe dirigir um elogio inédito – “Você está bonita” (SANTOS, 2022, p.184) –, Maria Lúcia também rompe, ainda que de forma pontual e tardia, com o padrão de críticas e rejeição que caracterizou sua relação com a filha mais nova. Para Rita, desacostumada a qualquer gesto de afeto materno, a simplicidade do elogio soou desconcertante, sobretudo porque esperava que viesse seguido de críticas, como sempre ocorrera. Esse gesto isolado, porém, despertou uma esperança antiga: o desejo de reconhecimento, de orgulho e até mesmo de perdão por parte da mãe (SANTOS, 2022, p.186). Entretanto, o tempo era curto e mais uma crise de dores acometia Maria Lúcia, fazendo com que Marília solicitasse que todos se retirassem do cômodo para lhe dar o devido auxílio.

Após a crise ser controlada através de mais medicamentos, Rita tomou a iniciativa de

conversar com Marília, manifestando sua insatisfação diante da maneira que fora retirada do quarto durante a crise de dor da mãe. Marília, exausta e sobrecarregada com a rotina de cuidados constantes, questionou a ausência de Rita quando mais precisaram dela. O desentendimento entre as duas evoluiu para uma discussão em voz alta, despertando a indignação de Lucas que acompanhava a gritaria do lado de fora da cozinha até se sentir forçado a intervir.

E assim deu-se início a uma exposição desordenada de todos os ressentimentos que um tinha contra o outro, marcada pela ausência de escuta e empatia, tendo em vista que não refletiam sobre o que falavam e ouviam um do outro. Mesmo que não estivessem prontos para compreender de fato o ponto de vista alheio naquele momento, iriam assimilar tudo que foi dito em algum momento futuro, como veremos adiante.

A discussão, contudo, foi interrompida com a notícia de que a mãe se encontrava em seus últimos momentos de vida, não havendo mais expectativas de ela sobreviver a mais um dia. Sendo assim, a família se organizou para a despedida final. Marília, por estar tão esgotada com a sobrecarga de cuidados, não pôde evitar o pensamento de alívio que sentiria após o falecimento da mãe e, assim que a vida voltasse ao normal, ela poderia enfim sentir apenas tristeza. Enquanto isso, Lucas se recusava a aceitar a morte e evitou a despedida da mãe.

Rita logo se prontificou a ser a primeira a se despedir da mãe. Ela seguiu até o quarto de seus pais, deitou-se no colo da mãe e colocou as mãos dela sobre sua cabeça, em busca do carinho que até então nunca tinha sido oferecido de forma espontânea. Ficou alguns minutos assim até conseguir juntar palavras para falar. Confessou à sua mãe o seu desejo de ter tido um relacionamento feliz com ela e sua tristeza em não ter mais nenhuma esperança de realizá-lo. Após Rita se retirar do cômodo, Marília adentrou o quarto para se despedir e, mesmo sentindo que sua mãe já não estava mais presente, permaneceu ao seu lado.

Após o falecimento de Maria Lúcia, Marília seguiu com seu papel na organização do velório de sua mãe, cumprindo fielmente cada item da lista que ela deixou antes de morrer, delegando apenas algumas tarefas para Lucas e Rita para que fizessem parte desse momento também. Posteriormente, entregou a eles os itens que a mãe tinha separado especialmente para cada um: um acessório acompanhado de um bilhete escrito à mão.

Marília herdou o pingente de gota de ouro, que fora presente de Benedito a Maria Lúcia em sua primeira viagem internacional. Rita herdou os brincos em formato de rosa que tanto admirava em sua infância e que foram o primeiro presente de Maria Lúcia a si mesma. Por fim, Lucas herdou um cordão com pingente de figa que fora presente da mãe de Maria Lúcia para o seu casamento.

Após o velório, cada um dos irmãos, finalmente, refletiu sobre as dores expostas pelos outros na discussão na cozinha e, assim, abriram-se brechas que permitiam considerar o outro lado para além de suas próprias dores.

> Rita, pela primeira vez, considerou que não deve ter sido fácil para Marília ser a filha perfeita [...]. Ficar só com o medo era duro demais. Marília pensou no bilhete da mãe, em como alguém pode viver com a convicção de que não era amado, lembrou-se de coisas que queria esquecer, coitada da Rita. Lucas refletiu que talvez a dor de receber atenção demais não tenha sido a pior de todas. (SANTOS, 2022, p.235)

Com a ausência definitiva da mãe, as inseguranças que cada um dos filhos carregava desde a infância, moldadas pela relação desigual com Maria Lúcia, deixaram de se mostrar tão opressivas e presentes. Esse distanciamento possibilitou que passassem a olhar com mais compaixão uns para os outros, reconhecendo as dores e as limitações que cada um trazia consigo.

Após a morte materna, Rita enfim sentiu-se livre para retomar o contato com a família e apresentar o filho ao convívio dos irmãos. Nesse processo, os vínculos familiares, antes atravessados por ressentimentos, apresentaram uma tentativa de serem reconstruídos, e os três planejaram o revezamento nos cuidados com o pai, agora viúvo. A própria Rita, marcada por uma longa trajetória de rejeição, passou a vislumbrar a maternidade sob nova perspectiva, considerando, depois de anos, a possibilidade de dar um irmão ou irmã ao filho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo deste trabalho, intitulado “O mito do amor materno”, foi traçado um panorama histórico-social acerca da figura materna com o objetivo de compreender que essa figura idealizada é, na realidade, uma construção social. Em seguida, no desenvolvimento, estruturado nos capítulos “Nascente”, “Percurso” e “Desaguar”, foi analisada a narrativa de *Mesmo rio* a fim de compreender a representação da maternidade construída neste romance contemporâneo em comparação com a imagem materna propagada por décadas na sociedade ocidental. Com isso, o objetivo deste último capítulo é amarrar as ideias discutidas por Elisabeth Badinter e outros teóricos com a figura da personagem Maria Lúcia presente no romance e como esta é representada diante de cada um dos filhos.

Constata-se, a partir do romance, que Maria Lúcia desempenhou um papel materno distinto em relação a cada um deles, o que demonstra não apenas a dimensão singular das experiências individuais, mas também a influência do contexto social e cultural sobre as práticas maternas.

Para Lucas, o primogênito, Maria Lúcia encarnou a representação idealizada da figura materna, sustentada por um favoritismo explícito. Com isso, a reprodução desses comportamentos que reforçam o favoritismo, e que dialoga diretamente com o “mito do amor materno”, ocorreu somente em relação ao filho homem, o que evidencia a influência do contexto social em que a personagem está inserida. Ao exigir excelência e obediência apenas das filhas, mas não do filho, Maria Lúcia reproduz, de forma inconsciente ou não, práticas decorrentes de uma sociedade machista e patriarcal, que hierarquiza filhos e filhas.

Em relação a Marília, observa-se uma postura materna marcada pela indiferença, ainda que resguardada por sua função cuidadora. Na constante tentativa de ser notada, Marília assumiu para si a tarefa de aliviar o peso da responsabilidade no cuidado doméstico de sua mãe, além do suporte emocional. Desse modo, suas atitudes refletem um espelhamento do comportamento de Maria Lúcia: a cobrança pela perfeição da irmã mais nova e a crença de que é capaz de assumir como suas tanto as demandas em relação ao trabalho quanto à vida doméstica.

Em contrapartida, para Rita, a filha mais nova, a mãe representou o absoluto oposto: a rejeição e o afastamento afetivo. Assim, a consequência dessa recusa exacerbada de afeto para Rita é expressada através da negação completa da figura materna, levando-a a romper laços afetivos e afastar-se por uma década da família.

Esses extremos evidenciados através da personagem de Maria Lúcia revelam que,

assim como qualquer indivíduo, as mães possuem desejos, limitações individuais e são passíveis de cometerem falhas. Contudo, socialmente, a manifestação de qualquer vontade ou erro cometido pela figura materna não encontra espaço para compreensão, principalmente pela relação da imagem à sacralização. Maria Lúcia, entretanto, distancia-se dessa representação santificada, apresentando-se como uma mulher composta por personalidade, desejos, escolhas, e, sobretudo, falhas.

Antes de adentrarmos de fato no romance, a autora traz uma citação de Heráclito: "Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontram as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou" (Heráclito apud SANTOS, 2022, p.5). É possível notar, portanto, a intencionalidade na escolha dessa citação, tendo em vista que o romance busca sustentar o argumento de que, assim como o ser humano é mutável, é impraticável esperar que a figura materna seja a mesma para todos os filhos.

No romance, observa-se o desenvolvimento de diferentes vínculos entre Maria Lúcia e cada um dos filhos, e isso se justifica no fato de que o contexto de cada uma das gestações é diferente, além de a própria Maria Lúcia ser uma mulher com anseios, frustrações e principalmente desejos. Conforme afirmado por Gutierrez e Pontes (2011): "A formação deste primeiro vínculo é facilitada pela disposição inata do bebê para a vinculação, e não se inicia apenas com o nascimento deste, mas antes já na história da gravidez, que por sua vez, envolve a história de vida do casal" (GUTIERREZ et al, 2011, p.10)[3].Com isso, a partir do contexto em que a mulher está inserida antes mesmo de engravidar e por sua bagagem de vida, é possível talvez entender a preferência ou uma certa rejeição pelos filhos.

Após estabelecidos esses vínculos com os filhos e seus impactos desenvolvidos ao longo do texto, cabe destacar o desfecho do romance e sua simbologia. Diante da proximidade da morte, Maria Lúcia se desprende dos padrões sobre seu comportamento e rompe com a lógica até então estabelecida e, a partir de atitudes que parecem simples, demonstra um ponto de virada emocional para os filhos naquele contexto. Esses gestos finais, ainda que tardios, adquirem relevância justamente por possibilitarem uma ruptura simbólica com o passado. Ao desfazer-se da necessidade de corresponder a um ideal de mãe ou de reafirmar antigas dinâmicas familiares tóxicas, Maria Lúcia abre espaço para que os filhos possam ressignificar suas experiências da forma que for conveniente para eles e, finalmente, tomar posse de suas próprias vidas sem permanecer aprisionados às mágoas herdadas, tanto em relação à mãe quanto aos irmãos.

---

[3] GUTIERREZ et al. Vínculo mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da Psicanálise. *Revista do Nufen*, ano 3, v.01, n.02, agosto-dezembro, 2011.

Sendo assim, a influência da criação de Maria Lúcia ainda continua presente em seus filhos, as águas dos rios que foram despejadas no mar não sumiram simplesmente, mas ficaram menos perceptíveis diante do mar de possibilidades à sua frente a partir deste desaguar. O desaguar simbolizado pela morte da mãe, portanto, demarca o desprendimento da dedicação que foi atribuída a cada um deles desde a infância e a abertura à novas possibilidades de relações familiares.

Dessa forma, conclui-se que o romance desmonta a concepção homogênea do amor materno, evidenciando que a maternidade não se manifesta como uma experiência única, universal e igualmente distribuída entre os filhos, mas como uma vivência complexa, permeada por afetos seletivos, ora doces, ora violentos. Ao apresentar uma mãe que assume papéis distintos diante de cada filho, a obra questiona a idealização do amor materno, sustentando, em consonância com Badinter, que a maternidade é uma construção histórica e social, mais do que um instinto natural da condição feminina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CHODOROW, Nancy. **The reproduction of mothering:** Psychoanalysis and the Sociology of Gender**.** University of California Press: Los Angeles, 1978.

COSTA, Ramona Daniela Bernardo et al. Experiências na família de origem que repercutem no clima familiar dos descendentes. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, vol.18 no.2, maio/ago. 2018. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812018000200002#:~:text=O%20clima%20familiar%20%C3%A9%20medido,%2C%20%26%20Land%2C%202009). Acesso em: 14 out. 2024.

DALCASTAGNÉ, Regina. Ausências e estereótipos no romance brasileiro das últimas décadas: alterações e continuidade. **Letras de hoje**: Porto Alegre, v. 56, n. 1, p. 109-143, jan.-abr. 2021 | e-40429.

GUTIERREZ, Denise Machado Duran; PONTES, Karine Diniz da Silva. Vínculo mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da Psicanálise. **Revista do Nufen**, ano 3, v.01, n.02, agosto-dezembro, 2011.

LIMA, Raquel dos Santos S; TEIXEIRA, Igor Salomão. Ser mãe: o amor materno no discurso católico do século XIX. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p.113-126, jun. 2008. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/442/439. Acesso em: 14 out. 2024.

MOTA-RIBEIRO, S. (2000) Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no Cristianismo. **IV Congresso Português de Sociologia**, Universidade de Coimbra, 17-19 de Abril. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5357/1/MotaRibeiroS_EvaMaria_00.pdf. Acesso em: 14 out. 2024.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BÍBLIA SAGRADA ONLINE. Disponível em: https://www.bibliaon.com/. Acesso em 28 out. 2024.

MOURA, Solange M. S. R.; ARAÚJO, Maria de F. "A Maternidade na História e a História dos Cuidados Maternos". **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2004, 24 (1), p. 44-55. Acesso em: 14 nov. 2024

TEODORO, Maycoln; ALLGAYER, Mariana; LAND, Bruna. Desenvolvimento e validade fatorial do Inventário do Clima Familiar (ICF) para adolescentes. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v.11, nº3, p.27-39, 2009. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872009000300004. Acesso em: 15 jul. 2025.

ZOLIN, Lúcia O. “Elas escrevem sobre o quê?: Temáticas do romance brasileiro contemporâneo de autoria feminina”. **Revista Interdisciplinar**, São Cristóvão, UFS, v.35, jan-jun, p.13-40, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/15685/11729. Acesso em: 15 nov. 2024.